REFLEXÃO

MOVIMENTOS DISRUPTIVOS

MARCELLO BRITO

Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)



ESG SÃO as três letrinhas mais faladas nas reuniões e nos eventos e que estão mudando a forma de fazer negócios. Sigla em inglês para *environmental, social and governance* (melhores práticas ambientais, sociais e de governança), ESG vem recebendo atenção do mercado financeiro por representar práticas que estão ligadas a negócios sólidos, com baixo custo e menores riscos associados ao clima e à sustentabilidade.

Investidores estão considerando cada vez mais informações ESG para as tomadas de decisão, com foco em práticas de governança, direitos humanos e mudanças climáticas. Isso acontece porque as métricas ESG são mais exigentes e têm mais informações sobre cada uma das companhias.

No mundo inteiro, tem aumentado o número de empresas que disponibilizam relatórios com base em ESG. No Brasil, os parâmetros ainda estão em fase embrionária. Muitas empresas estão sendo demandadas por investidores globais localizados fora do País. O foco maior está relacionado aos assuntos reputacionais e de governança corporativa, mas esse viés está evoluindo para questões ambientais e sociais, pela pressão dos impactos negativos.

Que esse seja um movimento que nos ajude a tratar as causas, e não apenas os sintomas. Em uma época de emergência climática, necessitamos urgentemente de medidas e ações concretas, claras e que envolvam os governos, a iniciativa privada e a sociedade como um todo. Esse é o nosso desafio para a construção de um futuro sustentável.

Em outubro próximo, o Brasil será palco de um desses movimentos que visam ampliar a consciência sobre a nossa riqueza de recursos. Será realizada, no Pará, a 4ª edição do Fórum Mundial de Bioeconomia (World BioEconomy Forum).

As três edições anteriores do evento aconteceram na Finlândia, mas, com um esforço conjunto da ABAG, da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá) e do governo do Pará, conseguimos tornar o Brasil o centro de debate dessa nova economia.

Embora represente 60% do território nacional com natureza de riqueza inestimável, a Amazônia abriga mais de 25 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza, em meio a um enorme déficit de infraestrutura básica. A bioeconomia tem o extraordinário potencial de transformar esse cenário, deixando de lado o antigo modelo predatório de fazer negócios.

O Brasil possui *cases* de bioeconomia já reconhecidos e apresenta uma imensa riqueza natural, profissionais e tecnologia de ponta para liderar essa virada verde. Além disso, o País tem a maior floresta tropical do Planeta, biodiversidade e um agronegócio sustentável que alimenta 1,2 bilhão de pessoas mundo afora, bem como produz fibras que atendem 3 bilhões de pessoas, de acordo com o setor de florestas plantadas.

Precisamos reverter a imagem ambiental internacional do Brasil. O primeiro passo é estabelecer metas e estancar o desmatamento ilegal. Paralelamente a isso, devemos combater as queimadas e a grilagem de terras, para, então, iniciar um processo de crescimento sustentável, incluindo o povo amazônico e pessoas que estão abaixo da linha da pobreza, um processo inclusivo e que gere empregos aos jovens. Que o Fórum Mundial de Bioeconomia no Brasil seja um marco, um ponto de convergência e consolidação de um modelo ESG de desenvolvimento. ■

A Amazônia abriga mais de 25 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. A bioeconomia pode transformar esse cenário, deixando de lado o antigo modelo de destruição das riquezas da Floresta.